



DECRETO N.º 4.334, DE 5 DE OUTUBRO DE 1973.

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — MILTON CAMPOS — Estadista — a rua 20 do arruamento denominado Jardim Eulina, gleba B, com início à rua 1 (Ramo B da gleba A) e término à rua 33 da gleba B do mesmo arruamento.

II — RAUL PILLA — Parlamentar — a rua 46 do arruamento denominado Jardim Eulina, gleba B, com início à Av. B e término à Av. C do mesmo arruamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 5 de outubro de 1973.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
PREFEITO DE CAMPINAS
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS
ENG.º JOÃO POZZUTO NETO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolo n.º 27.556, de 29 de agosto de 1973, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 5 de outubro de 1.973.

JOSE ROBERTO COPPI CUNHA
CHEFE DO GABINETE

RAUL PILLA



N. 20.1.1892
 Fed. 76.1973

Falecimento
**A MORTE
 E AS
 LUTAS DE UM
 LIBERAL,
 RAUL PILLA.**

— E então, professor, como vai a República?

Raul Pilla não respondeu. Fez apenas um gesto com a mão, como quem diz que não vale a pena falar nisso. Foi a sua última manifestação política, no domingo passado. Ontem um colapso cardíaco matou o velho liberal, defensor do parlamentarismo, fundador e chefe do Partido Libertador, federalista e maragato do Rio Grande, que durante 65 anos lutou pelas causas em que acreditava e agora, desiludido, vivia retirado em Porto Alegre.

A República de que ele não quis falar homenageia em Raul Pilla, segundo muitos, um de seus maiores homens. Após a notícia da sua morte, a Assembléia estadual suspendeu os trabalhos, o governador Triches decretou luto oficial, o presidente da República enviou telegrama de pêsames, a Faculdade de Medicina ofereceu o salão nobre para o velório (que acabou sendo na capela do Cemitério) e houve discursos no Senado e na Câmara, pelos membros dos dois partidos.

Médico de profissão, Raul Pilla — nascido em Porto Alegre em 20 de janeiro de 1892 — foi professor de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, e só deixou a cátedra duas vezes: em 1935, quando foi afastado por apoiar a revolução paulista, e em 1962, jubilado.

Mas desde estudante participou da política do seu Estado, apoiando na revolução 1923 o Partido Federalista de Silveira Martins — os maragatos — contra a tendência centralista, de inspiração positivista, os chimangos chefiados por Borges de Medeiros.

Durante toda a sua vida política Raul Pilla se manteve fiel à tradição liberal do Império, da qual Silveira Martins representava uma sobrevivência em ambiente republicano, e que se consolidou em 1928 com a fundação do Partido Libertador. No PL, Pilla lutou, com Assis Brasil, pela "republicanização da República". Isto não o impediu de em 1930 juntar-se — como todos os maragatos — ao adversário Borges de Medeiros para apoiar a revolução que levaria Vargas ao poder. Em 1958 ele escreveria: "Foi um engano". Mas não esperou o intervalo de uma geração para arrependê-lo: em 1932 apoiou São Paulo, perdeu a cátedra e sofreu exílio de dois anos, no Uruguai e na Argentina.

Em 1934 voltou à cátedra e em 1935 à política; o Estado Novo o afastaria de ambas pela segunda vez. Onze anos depois, ele está na Assembléia Constituinte, lutando pela emenda parlamentarista. Neste ponto ele insistirá até o fim da carreira política, obtendo em 1963 um arremedo de vitória: o parlamentarismo, que para ele era uma causa fundamental, foi então empregado como recurso de compromisso — abolido logo depois, pelo plebiscito — entre os comandos militares e o presidente João Goulart.

Muitas vezes derrotado, Raul Pilla não era muito comedido em seus pronunciamentos sobre os vencedores. Da Constituição de 46 — que não incluía a sua emenda — disse: "Esta constituição já nasceu gaga." Vinte anos depois ela foi alterada. E definiu o presidente João Goulart como "estranha simbiose de caudilhismo americano e comunismo eslavo". Meses depois, Goulart era derrubado. Mas por um movimento que Pilla apoiava: a Revolução de 1964.

Para Raul Pilla, que via no movimento "a reparação do regime parlamentar" contra os excessos de Goulart, foi uma vitória, mas também parcial e efêmera: o governo Castelo Branco não demorou a suprimir os partidos e a fazer mais cassações do que o então deputado julgava necessárias. No fim de 1965, após o ato Institucional nº 2, que dissolveu os partidos, a última batalha de Raul Pilla. Mas desta vez foi a sua insistência que durou pouco. Na mesma época, morreu sua esposa. Pilla fez mais alguns pronunciamentos e renunciou ao mandato em setembro de 1966. Foi elogiado pelo país todo



Raul Pilla: Calado desde 1969.

como um exemplo de coerência na defesa do parlamentarismo e da causa liberal.

O arrependimento de ter apoiado Vargas não foi um caso único na vida de Raul Pilla. Ele também reconheceu que estava errado em acreditar que o parlamentarismo viria logo. Um mês antes de morrer, quando seu amigo Coelho de Souza lhe perguntou se haviam sido confirmadas suas previsões sobre o presidencialismo, Pilla respondeu:

— Não, meu caro. Eu me enganei. Nunca pensei que o regime fosse tão longe.

Para Coelho de Souza, Raul Pilla foi "o maior homem que a República produziu, pela sua coerência, dignidade e princípios. Foi um exemplo de fidelidade às suas idéias, e lealdade a si mesmo, que permitiu que fosse leal aos outros também". Coelho foi um dos amigos que acompanharam a vida retirada pela qual Raul Pilla, desiludido, havia optado nos últimos anos. Ouviu várias confissões de desânimo de quem, segundo outro amigo, o ex-deputado Brito Velho, "lutou 65 anos pelo que acreditava e terminou vendo tudo cada vez pior". Mesmo a atividade de jornalista, de que nunca havia se afastado durante 65 anos de vida pública (ele escreveu em vários jornais e dirigiu o *Diário de Notícias* e o *Estado do Rio Grande*, de Porto Alegre), Pilla acabou abandonando, em 1969, quando veio o Ato Institucional nº 5. Só escreveu mais um artigo: o necrológico de seu amigo Julio de Mesquita Filho.

A partir daí Raul Pilla se esforçou por desaparecer esquecer e ser esquecido. Julgava que nada mais valia a pena, e não quis dar atenção ao seu amigo Brito Velho, que recordava o verso de Fernando Pessoa:

— "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena". Por isso eu acho que a luta de Raul Pilla valeu a pena: sua alma era grandiosa.

Com Brito Velho, Paulo Brossard e Coelho de Souza, Raul Pilla saía todos os domingos para passear de automóvel. Domingo passado, perguntou:

— Vieram se despedir de mim, que estou pronto para a última viagem?

Os amigos tentaram desviar o assunto, com exclamações sobre o bom estado de saúde do professor, e Coelho repetiu uma pergunta que já se tornara costumeira em suas visitas ao apartamento de Pilla na avenida Independência:

— E então professor, como vai a República?

RAUL PILLA



Dele se disse que parece ter vivido somente para cumprir um dever — o de encerrar com o presidencialismo no País. De fato: Raul Pilla colocou toda uma vida de lutas políticas na tentativa de implantar no Brasil o sistema parlamentarista de governo. Quando chegou pela primeira vez a Câmara dos Deputados, em 1946, tinha meia dúzia de correções no plenário. Quando dali saiu, em 1966, entrando-se a impossibilidade de lutar no bipartidarismo então instituído, os parlamentaristas eram dois terços da Câmara. E a ideia ameaçava vingar uma vez, após a renúncia de João Goulart, mas sucumbira sob o plebiscito no início do governo João Goulart. O velho Dr. Pilla, cumpridos 50 anos de lutas políticas, não se sentiu derrotado, mas cansado: — Agora, nada mais ou pouco mais posso eu fazer — disse na despedida, em 66. O tempo é contra mim. Já não tenho como continuar por mais tempo na vida pública. Dela fui despedido, tais e tantas são as dificuldades criadas a um homem de ideias e princípios, como me prezo de sempre ter sido. Lamento-o, mas já nada posso fazer, nem sequer esperar, que é o derradeiro recurso do homem. Ac. mais moço cabera substituir o velho lutador.

O interesse de Raul Pilla pela política começou muito cedo, sob a influência, talvez, da tradicional paixão gaúcha pelo assunto. Em 1915, com 18 anos, já ingressava no Partido Federalista de Porto Alegre, na época "o único partido de ideias da República", e já tratava em si a oposição ao presidencialismo. A partir desse momento, Pilla se entrega qua e totalmente à luta político-partidária, participando ativamente da revolução de 23 e fundando, cinco anos mais tarde, ao lado de Assis Brasil, o Partido Libertador, a que nunca mais deixou de pertencer.

Formado em Medicina e obtendo, mais tarde (1926), a cátedra de Fisiologia, o magistério seria uma de suas primeiras frentes de ação — e também o refúgio nas horas difíceis, como durante o golpe de 37, em que esteve proscrito. O fato, porém, é que o político quase sempre sobrepunha o professor, embora Raul Pilla tenha afirmado sempre não ser um "profissional da política", pois não se recordava de alguma vez ter pensado em fazer dessa atividade uma carreira.

Em 1930, o PL, já então sob sua presidência, dava apoio a Getúlio Vargas, e, mais do que isso, incentivava-o a desencadear a revolução no Rio Grande do Sul. A campanha maior foi feita pelo "Estado do Rio Grande do Sul", do qual Pilla era o diretor, e esse foi, a seu ver, o grande erro cometido por seu partido. Tanto que antes mesmo de Getúlio assumir o poder, sugeriu que o governo revolucionário fosse exercido por uma junta, e não unipessoalmente. Em 32, no levante paulista, Pilla entrava novamente em ação, tentando organizar tropas

revolucionárias e indo até mesmo a Argentina, em busca de armamentos. Foi obrigado a se exilar por dois anos.

O ano de 1934 marcou sua eleição como deputado estadual. Em 37, antes da instauração do Estado Novo — que o poria outra vez, fora de combate —, ocupara a presidência da Assembleia Legislativa do seu Estado. Votou então a cátedra. Até que, com a redemocratização do País, em 46, Raul Pilla retomou a tribuna política, elegendo-se deputado federal à Assembleia Constituinte, e, depois, reelegendo-se por cinco vezes consecutivas.

A lembrança do gaúcho de cabelos brancos, nariz aquilino, quase diuturnamente presente no combate pelo parlamentarismo, começou e empolgou uma parcela considerável do País. O ideal parlamentarista, que ele pregava com igual dedicação e pertinência após cada tentativa frustrada de reforma constitucional, permanecia de pé, e crescia. O "Correio do Povo", o "Diário de Notícias", o "Estado de São Paulo" e O GLOBO publicaram sua coluna Microscópio, e muito o proselitismo do seu ideal e a crítica uma da situação política prenderam milhares de leitores, anos a fio. Era a coerência do idealista em ação.

Uma coerência que não podia estar ausente da sua vida particular. Pilla conheceu, com 18 anos, em Porto Alegre, uma jovem, Ester Olinto. Foram vizinhos e namorados na adolescência. Mas Ester acompanhou os pais na mudança para o Rio e aqui casou-se com Anibal de Marcelos Medeiros. Pilla conservara-se solteiro, fiel a seu único amor, até o dia em que reencontrou Ester, já viúva, num concerto no Teatro Municipal. Casaram-se em 1950, ele já com 58 anos de idade, pronto para ser de todo feliz. Esta esperança, contudo, teria curta duração: D. Ester sofreu uma trombose, que a deixou semi-paralisada. E o Dr. Pilla manteve-se sempre a seu lado, amparando-a cada momento, ensinando-a a articular as palavras, do início do mal até o dia 29 de novembro de 1965, quando D. Ester morreu em Brasília. — Agora tudo acabou para ela e para mim — disse o velho lutador maragato.

E parece que assim foi, realmente. Pilla, em 66, renunciou à vida parlamentar e política, numa despedida emocionante na Câmara dos Deputados, mais uma vez coerente com os seus princípios, que não podiam admitir o bipartidarismo. Tinha, então, 74 anos de idade, embora parecesse capaz de aceitar muitos anos de luta. Pusson a viver, confinado pela idade e pela doença, num apartamento de sua propriedade, sob os cuidados de uma irmã zelosa em preservar a tranquilidade do patriarca. "Recomeçar sempre de novo" — era a sua frase habitual após cada votação de uma emenda parlamentarista. Ele soube fazê-lo, com a honestidade que só os idealistas costumam ter.



Morreu Raul Pilla

PORTO ALEGRE (O GLOBO) — Faleceu ontem, nesta capital, aos 86 anos, o Professor Raul Pilla, líder político e um dos maiores inspiradores da Revolução de 1923. O ex-parlamentar se encontrava recolhido ao leito de sua residência há mais de três meses e seu passamento ocorreu às 14 horas, exatamente 90 minutos depois de dar entrada no Hospital Femina.

Mastado da política desde 1966, o Professor Raul Pilla voltou a Porto Alegre, iniciando um confinamento voluntário no apartamento n.º 6, do prédio 720 da Avenida Independência. Residia sozinho, mas como no início deste ano foi cometido de forte ataque de bronquite, recebia visitas diárias de seus amigos mais íntimos, entre os quais os ex-Deputados Brito Velho e Coelho de Souza, seus ex-colegas na Câmara Federal.

Ontem por volta das 12h30m, seu estado de saúde sofreu sensível recaída, sendo determinado pelo médico Jaime Domingues seu recolhimento às pressas ao Hospital Femina, onde faleceu às 14 horas, vítima de uma "infarctação cardíaca aguda", devido a infecções nas vias respiratórias.

Seu corpo está sendo velado na capela do Cemitério São Miguel e Almas e o sepultamento deverá ocorrer às 10 horas de hoje, naquele cemitério. Familiares de Pilla informaram ontem que o sepultamento será realizado sem pompas, para atender seu derradeiro pedido.

Luto oficial

Antes mesmo de comparecer a cavela do cemitério da Irmandade de São Miguel e Almas, para apresentar condolências aos familiares do Professor Raul Pilla, em nome do Governo do Estado e em seu próprio, o Governador Euclides Triches assinou ato decretando luto oficial, por três dias, no Rio Grande do Sul. No documento, o Chefe do Executivo Gaúcho assinala que o exemplo de cidadãos que se distinguiram por sua capacidade profissional, sua cultura, fidelidade e pertinácia na defesa de ideais políticos e pelos serviços prestados a seus co-estaduanos, deve ser prestigiado. Lembra,

ainda, que "o Professor Raul Pilla, cujo falecimento é lamentado pelos gaúchos e brasileiros, por sua atuação na cátedra, no Parlamento, no Governo, na liderança político-partidária e no jornalismo, se impôs por suas qualidades à admiração de seus patricios".

Na Assembléia Legislativa, os trabalhos foram suspensos tão logo soube-se do falecimento do Professor Raul Pilla, e uma comissão, formada pelos Deputados Pedro Simon, Hugo Marindini e Fernando Gonçalves, compareceu às homenagens fúnebres.

Idéias

"Os governantes propriamente ditos são os que exercem o poder e fazem a administração. Mas para que haja democracia, o governo da pátria pelo povo, não basta que os governantes sejam escolhidos pelo povo; é necessário também que eles procedam de acordo com os sentimentos, os desejos e a vontade do povo."

Raul Pilla deitou-se da política em 1966 com a extinção do Partido Libertador.

"Prefiro morrer politicamente junto com o meu Partido Libertador do que ingressar em outro partido."

Na Assembléia e posteriormente na Câmara Federal, foi um intransigente defensor do parlamentarismo, que viu com satisfação ser aplicado no Brasil em 1961, tendo Brochado da Rocha como Primeiro-Ministro. E gostava de repetir esta frase que se tornou famosa:

— Não tenho jeito para a política, mas vivo nela desde os 18 anos de idade".

Sobre o parlamentarismo, tinha idéias bem definidas:

— É preciso combater esse preconceito contra a palavra, que viceja principalmente nos espíritos primitivos. A palavra é o mais sublime atributo do homem; é um dom di-

vino. A palavra e as mãos foram os dois instrumentos que cavaram o abismo existente entre o homem e o animal. Nada se faz, nenhum progresso se realiza, sem a palavra. Nem pensar se pode, sem o seu auxílio. Pois bem, o Parlamento, e, melhor ainda, o sistema parlamentar, é aquele admirável instrumento que faz da palavra o sucedâneo da força no governo dos homens.